

Apresentação

Em seu famoso ensaio, Françoise Dastur (2002) propõe a experiência do luto como traço distintivo da humanidade, uma vez que, por meio desse enfrentamento da morte, ela alcançaria a consciência de si própria. Ao discutir o mesmo tema, Philippe Ariès (2012) mapeia a relação entre luto e sociedade na História Ocidental, destacando distintos comportamentos humanos em relação ao luto. Se a morte de si representava a maior perda na Idade Média, a partir do século XVIII, a morte do outro ocupa esse espaço. Por tal motivo, o estudioso registra a dor diante do falecimento de pessoas próximas como a expressão mais violenta dos sentimentos espontâneos.

Filósofa e historiador apontam para a mesma direção: o luto se impõe como demanda diante de um pesar irreparável. Atravessá-lo não é possível sem mediação. A perda é, nesse contexto, uma matéria que exige reflexão. Tal atitude meditativa produz períodos variados de reclusão, o que permitiu a Freud depreender outra dinâmica humana, distinguindo-a do luto no início do século XX. Como reações distintas à perda, luto e melancolia conduzem a comportamentos diferentes do ego, o que exige caminhos diferentes para a elaboração daquela experiência.

Se a arte é uma forma de convívio com o mundo, um de seus desafios é elaborar o seu próprio modo de encarar o que parece ser um impasse: a perda. Aqueles que tentaram formulá-la, ora enveredaram para o luto, ora para a melancolia. Independentemente da inclinação, poetas de diversas nacionalidades realizaram proposições sobre o tema. Como consequência às diferentes elaborações do luto, a morte ganhou diferentes contornos e

representações ao longo do tempo. Epigramas, epitáfios, elegias e canções são algumas das formas privilegiadas para o tratamento da questão. Por sua vez, a melancolia já encontra nas artes uma história. Um de seus exemplos mais notórios é *Melancolia I* (1514), do renascentista Albrecht Dürer. Os símbolos cristalizados por essa gravura perduram, por exemplo, em obras de Domenico Fetti, Auguste Rodin, Giorgio De Chirico e Tarsila do Amaral.

No Brasil, poetas como Bandeira e Drummond tornaram-se incontornáveis ao escreverem sobre o fim da vida, a transformação radical de espaços conhecidos, a morte de pessoas próximas ou a presença de seus fantasmas. “Poema de finados” (*Libertinagem*, 1930) e “Bolero de Ravel” (*Sentimento do mundo*, 1940) são exemplos nos quais o pernambucano e o mineiro elaboraram respectivamente suas formulações poéticas acerca do luto e da melancolia. A conduta que cada um deles ofereceu ao problema da perda também produziu uma constelação de ideias que se propaga e se refaz até o contemporâneo. Não gratuitamente Astrid Cabral, Orides Fontela, Carlito Azevedo, Leila Danziger e Natália Agra são alguns dos nomes mais recentes que trazem em suas poesias novas formas e reflexões sobre a temática.

Explorando esse conjunto de ideias, o primeiro número do volume 33 de *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira* apresenta seu dossiê temático sob o título de “A perda como matéria: luto, melancolia, elaboração”. Em seu escopo, reúne trabalhos interessados em poetas brasileiros que tematizaram a perda poeticamente. Observando como autores dos séculos XX e XXI elaboraram desvios e reconfiguraram imagens no interior da história e das artes, os artigos aqui reunidos são uma pequena amostra de um conjunto de problemas nas poéticas em análise, os quais se abrem – rizomáticos – quando se transformam em questões do contexto brasileiro.

Em “A canção segue a pedir por ti: a dor da perda nas canções de Chico Buarque”, Hêmille Perdigão empenha-se na interpretação de canções do autor carioca, a fim de extrair recursos poéticos e musicais com que ele expressou a dor da perda. Indo em direção ao extremo contemporâneo com “‘Saturno não tem superfície’: lastros de melancolia nos indecíveis de Marília Garcia”, Milena Cláudia Magalhães Santos e Rosana Nunes Alencar selecionam *Expedição nebulosa* (2023) para discutir como se conjugam os vestígios da perda, do luto e da melancolia em uma poesia reconhecida por sua contenção e objetividade. Com “O verso amputado: perda e entropia na poética de Sebastião Uchoa Leite”, Fábio Roberto Lucas traz uma escrita refinada, na qual discute a experiência de perda da poesia diante da experiência de perda do corpo e do mundo na obra do autor pernambucano. Com “Rio do tempo, fluir de mágoas: Astrid Cabral e a poética da expansão e retração”, Nícia Petreceli Zucolo atravessa uma obra de fôlego, a fim de explicitar como a poetisa amazonense enfrenta a inevitável melancolia da existência finita, tendo em seu horizonte a consciência de que se vive para a morte. Por fim, Gustavo Silveira Ribeiro traz uma análise sobre as ruínas da metrópole e seus tipos sociais marginalizados em “A palavra afogada: poesia e desagregação social em *Novo endereço*, de Fabio Weintraub”.

Na seção “Varia”, a edição ainda conta com os trabalhos de Fernando Henrique Crepaldi Cordeiro, avaliando as funções do autor e do narrador em *Bufo & Spallanzani* (1986), de Rubem Fonseca; de Suelen Ariane Campiolo Trevizan, interessada em ler *Kadosh* (1973), de Hilda Hilst, como um romance, e discutir os estágios possíveis de uma mesma jornada; de Talles Luiz de Faria e Sales, tomando a centralidade do retrato como alavanca de sua leitura de *A menina morta* (1954), de Cornélio Penna; de Sérgio Schargel, extraindo o erotismo como questão em *Noite da taverna*, de Álvares de Azevedo; e de Leandro Pasini, deslocando-se para o campo da crítica literária para entender de que modo realismo e modernismo, assim como seus programas estéticos, são estudados sob olhar de Roberto Schwarz. Para fechar este número, Alexandre Marzullo escreve a rese-

nha do livro *Histórias de água – o imaginário marítimo em narrativas brasileiras, portuguesas e africanas* (2023), organizado por Stefania Chiarelli (Brasil) e Kathrin Saringen (Áustria).

Diante desse quadro variado da produção literária brasileira, esperamos que esta seja uma boa leitura.

Os organizadores

Fadul Moura (UFMG)

Nathaly Felipe Ferreira Alves (PUC-SP)

Ana Karla Canarinos (UERJ)

Mireille Garcia (Université Rennes 2)

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Tradução Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BANDEIRA, Manuel. *Obra completa*. 2. ed. São Paulo: Companhia José Aguilar Editora, 1967.

DASTUR, Françoise. *A morte: ensaio sobre a finitude*. Tradução Maria Tereza Pontes. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Tradução Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

KLIBANSKY, Raymond; PANOFKY, Erwin; SAXL, Fritz. *Saturno y la melancolía: estudios de historia de la filosofía de la naturaleza, la religión y el arte*. Traducción española María Luisa Balseiro. Madrid: Alianza Editorial, 1991.